PREVIEW

GRÁTIS PÔSTER DO OUTRO FILME

Lindo!

babaca!

PREÇO R$ 15,90
EDIÇÃO 104 · MAIO 2018
7 897780 179834

MELHOR FILME DO ANO!

MALUCO BELEZA

Ryan Reynolds desperta a inveja das colegas no drama existencial *Deadpool 2*

***TUNGSTÊNIO**
***MAIO DE 1968**
***ANTES QUE EU ME ESQUEÇA**

BENICIO
DEL TORO

JOSH
BROLIN

SEM REGRAS DESSA VEZ

SICARIO
DIA DO SOLDADO

SICARIO: DAY OF THE SOLDADO

28 DE JUNHO
NOS CINEMAS

COLUMBIA PICTURES ... BLACK EAGLE MEDIA ... THUNDER ROAD PICTURES ... #SicarioSoldado ... SONY

JURASSIC WORLD
A VIDA ENCONTRA UM MEIO
21 DE JUNHO NOS CINEMAS

JURASSIC WORLD

REINO AMEAÇADO

A VIDA ENCONTRA UM MEIO

21 DE JUNHO NOS CINEMAS

NESTA EDIÇÃO

2001 - Uma Odisseia no Espaço: estreia no revolucionário ano de 1968

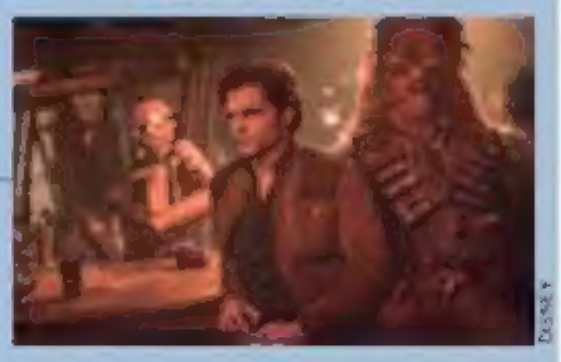
Deadpool 2 (Fox)

DEADPOOL POR WADE WILSON

PREVIEW até tentou entrevistar Ryan Reynolds, o astro de *Deadpool 2*, mas não teve jeito. Wade Wilson fez questão de jogar confete em seu alter ego mascarado e assina um artigo cheio de informações sobre a continuação da saga do herói mais debochado da Marvel - claro que com seu estilo muito próprio. Embora não tenha superpoderes, outro herói que vai lotar os cinemas é o jovem Han Solo, que ganha um filme só seu em mais *Uma História Star Wars*. Como a Disney mantém tudo em segredo, fomos ouvir dos fãs inveterados o que eles esperam do novo episódio. Duas boas surpresas do cinema nacional também ganham destaque: o delicado *Antes Que Eu Me Esqueça*, coproduzido por Carlos Saldanha (sim, ele mesmo, o diretor de *Rio* está interessado em live action), e o frenético *Tungstênio*, que Heitor Dhalia adapta dos quadrinhos de Marcello Quintanilha. Maio é mês das mães e Charlize Theron comparece como uma mamãe literalmente acabada em *Tully* – veja na seção Estreias. Mas é também uma data para se relembrar: os 50 anos do Maio de 1968, uma revolução social e cultural que deixou marcas profundas no cinema, como bem relata Renato Félix em uma matéria especial. Boa leitura!

SUZANA UCHÔA ITIBERÊ
suzana@previewbr.com

TELONA



8 **ESTREIAS**
Os lançamentos nos cinemas
14 **ANTES QUE EU ME ESQUEÇA**
18 **DEADPOOL 2**
28 **HAN SOLO: UMA HISTÓRIA STAR WARS**
32 **50 ANOS DE MAIO DE 1968**
36 **TUNGSTÊNIO**

TELINHA

40 **CINELAB**
42 **FAUDA**
44 **DVD, BLU-RAY, VOD**
As novidades de Home Video e Streaming
48 **LIVROS**
50 **CANTO DO LEITOR**

UCI UNIQUE: TODA SEMANA UM GRANDE SUCESSO COM PREÇOS ÚNICOS

GANHE UM INGRESSO ao cadastrar seu cartão*

2D R$ 13,00	3D R$ 15,00
XPLUS R$ 15,00	XPLUS 3D R$ 17,00
IMAX R$ 17,00	IMAX 3D R$ 23,00

IMAX 3D
XPLUS 3D

26 DE ABRIL NOS CINEMAS

IMAX 3D
XPLUS 3D

17 DE MAIO NOS CINEMAS

IMAX 3D
XPLUS 3D

24 DE MAIO NOS CINEMAS

ucicinemas.com.br/ UNIQUE

*Ingresso válido de 2ª a 5ª para as salas 2D, 3D e XPLUS. Não válido para as salas IMAX®, 4DX e DE LUX. Compre seu cartão nas bilheterias dos cinemas UCI.
Pacote válidos para a rede na qual o filme estiver como FILME DA SEMANA UNIQUE. Sobre esses valores não se aplica a meia entrada. Preços promocionais e promoções não cumulativas com outras promoções, sujeitas a alteração sem aviso prévio, não válidos para as salas 4DX e De Luxe. Consulte o regulamento no site www.ucicinemas.com.br/unique. Verifique as classificações indicativas.

INSANA MATERNIDADE

No mês do Dia das Mães, Charlize Theron dá show como uma mãe absolutamente exausta

TULLY

EUA, 2018, DE JASON REITMAN, COM CHARLIZE THERON, MACKENZIE DAVID, RON LIVINGSTON, MARK DUPLASS, ELAINE TAN, 96 MIN, DIAMOND. COMÉDIA DRAMÁTICA

Não é a primeira vez que Charlize Theron se transforma fisicamente para uma personagem. Em 2003, ela não só engordou perto de 15 quilos como usou uma prótese dentária para interpretar a psicopata de *Monster: Desejo Assassino*, que lhe rendeu o Oscar de melhor atriz. Pois agora ela radicaliza e engorda mais de 20 quilos para dar vida à uma mãe de três filhos em *Tully*, que chega por aqui no mês do Dia das Mães. Em entrevista ao programa de Ellen DeGeneres, a estrela e também produtora do filme falou dos sacos de batatinha espalhados por todo canto no processo de engorda e do brutal regime que teve de fazer para voltar à forma. Ela tem um casal de filhos adotados e disse que achou fundamental sentir na pele o mesmo que a grande maioria das mães que engravidam.

Sabe aquela imagem divulgada de Kate Middleton linda e toda arrumada na porta do hospital com seu terceiro bebê real, nascido horas antes? Pense no extremo oposto e vai ter uma ideia do estado de Marlo (Charlize), que também acaba de dar à luz seu terceiro filho. Na verdade, Tully é o nome da personagem de Mackenzie David, que vem socorrer a atarefada e exaurida mamãe. Ela sempre rejeitou babás, mas está no bagaço e resolve aceitar o "presente" do irmão rico. Quando ouve da bela jovem à porta "Eu cheguei para cuidar de você", a resistência desaparece e Marlo pode finalmente dormir à noite. Parêntesis: o marido (Ron Livingston) é do bem, ajuda como pode, mas nem tanto.

Além de abrir o jogo sobre o caos implícito à apaixonante experiência que é a maternidade, o enredo se debruça sobre a amizade crescente entre Marlo e Tully. O método de elevar o moral da mãe para melhorar a convivência com os filhos funciona às mil maravilhas. É a segunda reunião de Charlize com a roteirista Diablo Cody e o diretor Jason Reitman, que colaboraram anteriormente em *Jovens Adultos* – Diablo e Reitman ainda foram parceiros em *Juno*. Diablo escreve muito bem, cria diálogos inteligentes e reserva uma grande surpresa ao final. *SUZANA UCHÔA ITIBERÊ* ★★★½

ADONIRAN – MEU NOME É JOÃO RUBINATO

BRASIL, 2018, DE PEDRO SERRANO. 92 MIN. VITRINE. DOCUMENTÁRIO.

Pedro Serrano *(Luto em Luta)* propõe um passeio revelador pela vida e obra de Adoniran Barbosa (1910-1982), um dos grandes representantes do samba paulista, autor de "Trem das Onze", "Saudosa Maloca" e "Tiro ao Álvaro". Foi também ator de sucesso no rádio e bissexto no cinema e na televisão. O diretor encadeia registros de canções menos consagradas e imagens raras de arquivos e do acervo pessoal do artista com entrevistas de familiares, amigos e parceiros numa costura acertadamente clássica e cronológica. Coloca, assim, no centro da cena o próprio Adoniran com as controvérsias, a ironia e mesmo uma certa melancolia de sua figura incomparável. Com imagens de ontem e de hoje, reverencia seu profundo apreço por São Paulo e pelos paulistanos excluídos das malocas. *FÁTIMA GIGLIOTTI*

★★★★

VERDADE OU DESAFIO

TRUTH OR DARE. EUA, 2018. DE JEFF WADLOW. COM LUCY HALE, TYLER POSEY, VIOLETT BEANE, SOPHIA ALI. 100 MIN. UNIVERSAL. SUSPENSE.

Jovens partem para uma famigerada viagem em grupo e acabam envolvidos em uma mortal maldição. Convidados por um estranho para participar de um jogo secular, o Verdade ou Desafio, eles se tornam reféns das regras de uma entidade debochada que os força a correr riscos. Quinto filme do diretor de *Kick-Ass 2* e *Cry Wolf: O Jogo da Mentira*, essa produção de baixo orçamento da produtora de Jason Blum (do ótimo *Corra!*) pode se sair bem com os adolescentes, mas o espectador mais escolado tem fortes chances de não curtir o roteiro. Apesar de flertar com um triângulo amoroso, foi feito a oito mãos, é frágil, tem furos, forçadas de barra e um final absurdo. Entre as curiosidades, o fato de os personagens, quando possuídos, ficarem com as feições modificadas por aplicativos como as vistas no Snapchat. *ROBERTO CUNHA*

★

TODOS OS PAULOS DO MUNDO

BRASIL, 2017. DE RODRIGO DE OLIVEIRA, GUSTAVO RIBEIRO. COM PAULO JOSÉ, JOANA FOMM, MILTON GONÇALVES, SELTON MELLO, FERNANDA MONTENEGRO. 90 MIN. VITRINE. DOCUMENTÁRIO.

Além de uma carreira impressionante, outro aspecto forte no imaginário coletivo acerca de Paulo José é sua luta contra o mal de Parkinson. Em vez de entrevistar o protagonista, que está lúcido, mas com dificuldade de falar, *Todos os Paulos do Mundo* propõe algo diferente: colegas leem textos escritos por Paulo como parte da narração do documentário. Nomes do calibre de Fernanda Montenegro e Milton Gonçalves emprestam suas vozes. Cenas de filmes distantes em estéticas e cronologia convivem lado a lado em conversas cinematográficas mediadas pela edição. Com Paulo em cena e em texto, o documentário conta 100% com a presença de seu protagonista, sem coadjuvantes, uma vez que até a voz dos outros só serve para entregar seu próprio discurso. O que surge como necessidade vira linguagem. *EDU FERNANDES*

★★★★

Rachel e Bateman: viciados em jogos

A NOITE DO JOGO

GAME NIGHT. EUA, 2018. DE JOHN FRANCIS DALEY E JONATHAN GOLDSTEIN. COM JASON BATEMAN, RACHEL MCADAMS, KYLE CHANDLER, JESSE PLEMMONS, DANNY HUSTON. 100 MIN. WARNER. COMÉDIA.

É bem provável que o roteirista Mark Perez tenha assistido a um filmaço do início da carreira de David Fincher, o thriller *Vidas em Jogo* (1997). Michael Douglas é o ricaço entediado que ganha de presente do irmão (Sean Penn) o cartão de uma empresa que cria um jogo de vida real para cada cliente, só que coisas bizarras começam a acontecer e ele não sabe mais se são brincadeira ou pra valer. Digamos que *A Noite do Jogo* é a versão comédia dessa ideia. E o curioso é que a trama também envolve irmãos, no caso, os personagens de Jason Bateman e Kyle Chandler.

O casal formado por Bateman e Rachel McAdams é fanático por jogos, de mímica a Jenga, e costuma chamar amigos para noitadas do gênero. Jesse Plemmons é o estranho vizinho, um policial excluído do grupo após ser abandonado pela mulher. A brincadeira toma novos rumos justamente quando o irmão bem-sucedido de Bateman (de quem o protagonista morre de inveja) propõe uma noite de jogo na sua mansão, só que desta vez contrata uma empresa para fazer o jogo da vida real. O esquema é o mesmo do filme de Fincher, com eventos estranhos acontecendo sem aviso. Começa quando a casa é atacada por criminosos e a turma encara tudo na brincadeira. Será? A dupla de diretores John Francis Daley e Jonathan Goldstein é a mesma da continuação de *Férias Frustradas*. De fazer rir eles entendem e Jason Bateman é o palhaço dos sonhos, com seu jeitão cínico, que diverte sem precisar ser careteiro. *SUI*

★★★

Willis: vingança com as próprias mãos

DESEJO DE MATAR

DEATH WISH. EUA, 2018. DE ELI ROTH. COM BRUCE WILLIS, VINCENT D'ONOFRIO, ELISABETH SHUE. DEAN NORRIS. 107 MIN. IMAGEM AÇÃO.

A "saga" das refilmagens continua. Os resultados, quase sempre, não são bons. É válido comemorar quando o contrário acontece. Seja pelo valor afetivo em relação ao original seguir incólume ou perceber que certas obras merecem chegar em novas gerações, pelo bom roteiro ou oportunidade de trazer um determinado tema à tona. O projeto é de 2012, mas a polêmica "justiça com as próprias mãos" volta e meia ganha força em algumas sociedades. Assim, o novo *Desejo de Matar* joga os holofotes sobre o que poderia ser um ciclo ao resgatar o justiceiro Paul Kersey.

Baseado no romance homônimo de Brian Garfield, que gerou uma série de cinco filmes, iniciada em 1974 e estrelada por Charles Bronson no papel do arquiteto "vigilante", a história revitalizada traz Bruce Willis como um ótimo cirurgião de emergências em um hospital de Chigago, cidade assolada por uma onda de criminalidade. Trocar a profissão do protagonista foi boa sacada. Sempre preocupado em salvar vidas, sua maneira de pensar muda radicalmente quando esposa e filha se tornam vítimas de criminosos. É hora da vingança. Originalmente concebido por Joe Carnahan, o roteiro foi reescrito por oito pessoas, entre elas o próprio diretor Eli Roth, um louco por terror estreando no gênero ação. Além da fartura sanguinolenta, marcas registradas como o humor negro, deboche, boa trilha e referências ao título original estão presentes. Surpreendeu. *R.C.* ★★★★

TUNGSTÊNIO

BRASIL, 2018. DE HEITOR DHALIA. COM FABRÍCIO BOLIVEIRA, SANDRA CARVALHO, JOSÉ DUMONT, WESLEY GUIMARÃES. 80 MIN. PAGU PICTURES. POLICIAL.

A premiada HQ de Marcello Quintanilha ganha uma adaptação fidelíssima de Heitor Dhalia, que retoma a parceria com o roteirista Marçal Aquino (Fernando Bonassi coassina) em novo mergulho no universo dos quadrinhos, depois de *Nina* e *O Cheiro do Ralo*. Dhalia realizou uma obra enxuta, para ser assistida de um só fôlego, com fotografia exuberante e tomadas de cena vertiginosas. Na Salvador atual, dois pescadores usam explosivos para matar peixes. A pescaria proibida provoca o encontro de quatro pessoas: o jovem traficante Cajú, o sargento aposentado Seu Ney, o policial Richard e sua esposa, Keira. A narrativa corre fluida e eletrizante, com tempo e espaço se alternando sem aviso. O espectador fica ligado, mas não deixa de pescar no ar o quanto esses personagens bem desenhados refletem a realidade brasileira. *S.U.* ★★★★

A VIDA EXTRA-ORDINÁRIA DE TARSO DE CASTRO

BRASIL, 2017. DE LEO GARCIA E ZECA BRITO. 90 MIN. BOULEVARD. DOCUMENTÁRIO.

Documentar a vida de Tarso de Castro (1941-1991) é também inventariar a história do Brasil e do jornalismo brasileiro nas décadas sob a ditadura e a censura – 1960, 1970 e 1980. O jornalista gaúcho, combativo, provocador e boêmio atuou e deixou sua marca, entre tantas outras, como criador do *Pasquim*, em 1969, do caderno de cultura *Folhetim*, em 1977, e colunista mais lido da *Folha de São Paulo*. Os diretores Leo Garcia e Zeca Brito *(Glauco do Brasil)* realizaram um notável trabalho de pesquisa iconográfica e encenaram ótimas entrevistas com familiares, colegas e artistas – a nata da cultura do País – em conversas de bar ou ao telefone, recurso tão afetivo quanto estilístico que dá ritmo, um certo lirismo e até saudosismo ao documentário. Obrigatório. *R.G.* ★★★★½

ACERTANDO O PASSO

FINDING YOUR FEET. REINO UNIDO, 2017. DE RICHARD LONCRAINE. COM IMELDA STAUTON, TIMOTHY SPALL, CELIA IMRIE, DAVID HAYMAN. 111 MIN. CALIFÓRNIA. COMÉDIA DRAMÁTICA.

Depois do delicado *Ruth & Alex*, com Morgan Freeman e Diane Keaton como um casal nova-iorquino envolto em uma questão imobiliária, o cineasta Richard Loncraine volta a privilegiar a terceira idade, desta vez com elenco britânico. Imelda Staunton é uma esnobe cuja vida vira de ponta cabeça quando se vê traída após 40 anos de casamento. Ela vai parar na casa da irmã pobretona, mas cheia de alegria, que lhe apresenta seu grupinho da aula de dança. É tudo muito simples e previsível nessa história que explora a resistência da protagonista em se enturmar, suas rusgas com um dos amigos da irmã e, claro, a redescoberta de prazeres antigos, como a dança, que ela abandonou quando casou. É admirável como um bom elenco torna até os clichês agradáveis. Destaque para Timothy Spall *(Sr. Turner)*, surpreendente em um papel romântico. *S.U.* ★★★

COLHEITA AMARGA

Uma das principais armas da Guerra Fria foi a projeção da imagem de um regime eficiente. Mesmo antes da roxa no pós-guerra, os russos já se preocupavam em criar a aparência que o Império Soviético era uma terra de prosperidade, mas esse jogo custou a vida de milhões de pessoas. *Colheita Amarga* mostra as repercussões da ambição russa sobre os camponeses ucranianos. O tema merece ficar sob os holofotes, mas podia fazê-lo com um roteiro menos primário. Yuri vem de uma linhagem de guerreiros, mas sua contribuição para enfrentar as adversidades é a arte. O romance com a mocinha é novelesco e o vilão é caricato como em uma animação para crianças. O enredo tem a mesma complexidade narrativa de uma aula do *Telecurso 2000*. A mensagem é criticar a opressão russa, mas causa apenas risos nervosos. (FE)

★½

ANTES QUE EU ME ESQUEÇA

É isso que um diretor estreante, Tiago Arakilian, chega esbanjando frescor ao explorar um tema quase ignorado pelo cinema nacional: a velhice. E surpreende ao manter o astral mesmo quando o protagonista apresenta sinais de Alzheimer. Causa estranhamento José de Abreu envelhecido para viver Polidoro, um juiz aposentado e viúvo de seus 80 anos, mas o incômodo é passageiro. A filha (Letícia Isnard) decide interditá-lo judicialmente depois que Polidoro fica sócio de uma boate de striptease, mas o juiz quer ter a opinião do filho (Danton Mello), que não vê o pai há 20 anos e terá de passar um tempo com o velho. O reencontro é o cerne dessa história terna e divertida, que não vitimiza o idoso. Guta Stresser rouba a cena como uma prostituta desbocada e, sim, você vai chorar, mas de emoção. (LC)

★★★★

A CÂMERA DE CLAIRE

Hong Sang-So filmou a *Câmera de Claire* durante o Festival de Cannes em 2016, e o filme estreou na Riviera Francesa no ano seguinte. Em pouco mais de uma hora, ele examina o comportamento humano em momentos de crise, com seu habitual estilo "comer, beber e conversar" - marca de filmes como *O Dia Depois* e *Na Praia à Noite Sozinha*. A protagonista (a atriz fetiche do diretor Kim Min-hee) está em Cannes a trabalho quando é demitida sem aviso pela chefe, que a acusa de desonestidade sem maiores explicações. Em nova parceria com o cineasta após *A Visitante Francesa*, Isabelle Huppert parece se divertir como a fotógrafa que faz instantâneos com sua polaroid. Através das pessoas que ela clica e com quem bate papos descontraídos, o espectador e a protagonista vão desvendar o motivo por trás da demissão. (LC)

★★★

AS BOAS MANEIRAS

Marco Dutra e Juliana Rojas formaram uma dupla formidável no roteiro e direção do premiado *Trabalhar Cansa*, em 2011. De lá para cá, ela lançou a comédia musical *Sinfonia da Necrópole*, ele enveredou pelo terror em *Quando Eu Era Vivo* e o thriller em *O Silêncio do Céu*. No aguardado reencontro, Marco e Juliana realizam outro filme de gênero — agora uma fábula de terror — mas o humor negro e a crítica social do primeiro fazem falta desta vez. A narrativa tem dois atos muito distintos. O primeiro é otimo, com a relação de uma grávida com a enfermeira de seu bebê, que ainda não nasceu, mas provoca sintomas bizarros na mãe durante as noites de lua cheia. A segunda parte começa abruptamente e com pouca verossimilhança. Também flerta com o musical, mas as canções se encaixam mal na narrativa, que perde a potência e não a recupera mais. ★★★

VINGANÇA

A revista *Rolling Stone* colocou *Vingança* na lista das 10 estreias imperdíveis em maio. Quem curte cinema gore vai se extasiar com essa produção francesa da diretora e roteirista estreante Coralie Fargeat, que promove uma sessão com tantos litros de sangue que a protagonista escorrega no estrago que provoca. É podreira total, o elenco só tem canastrões, mas sobra energia. *Drive*, *Coração Selvagem* e os filmes de David Cronenberg foram referências para Coralie narrar a epopeia de Jen, a fogosa e provocante amante de um dos três empresários reunidos em um deserto para caçar. Só que as coisas saem do controle. Atacada e deixada à morte, a mocinha revive como a fênix e, turbinada por uma erva alucinógena, não só suporta a dor como decide se vingar de seus algozes. E dá-lhe sangue, mutilação, nudez, violência, tiros, humor negro... Pacote completo. ★★★

Exibido no Festival de Berlim e premiado na Suíça, o documentário *O Processo*, de Maria Augusta Ramos, revela os bastidores do julgamento que culminou no impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Depois de passar meses em Brasília, acompanhando cada passo do processo e testemunhando a profunda crise política e o colapso das instituições democráticas no País, a diretora captou 450 horas de material. Com a intenção de compreender e refletir sobre o atual momento político brasileiro, o longa apresenta Dilma como tema principal, mas não protagonista. Aqui, outros personagens bem conhecidos do público ganham mais destaque.

Com imagens de momentos marcantes, como a votação que durou nove horas para decidir sobre o impeachment, Maria Augusta cria um clima tenso e frenético em sua narrativa, que em certos momentos lembra um filme de ação e suspense. O circo armado nos corredores do Congresso é registrado do ponto de vista político da diretora, que não se preocupa em se posicionar. Em *O Processo*, ninguém fica em cima do muro.

Se o cinema pode ser considerado um ato político, então Maria Augusta acerta em cheio e apresenta também momentos inéditos dos bastidores de um período tenso e sombrio da nossa história com debates, reuniões e até situações cômicas. Tratando-se de um filme, sabemos que os créditos finais precisam subir, mas na vida real ainda estamos longe de colocar um ponto final nesse conturbado cenário. *VITOR SUERDIECK* ★★★★

OUTRAS ESTREIAS

...da banda Mercyful, *EU SÓ POSSO IMAGINAR*

...*GNOMEU E JULIETA – O MISTÉRIO DO JARDIM*

...*NÃO SE ACEITAM DEVOLUÇÕES*

...ro sobre o autismo, *EM UM MUNDO INTERIOR*

AÍ SIM
A EXPERIÊNCIA
É OUTRA

mega

giga

mega

mega

Zoom

Kinoplex

Peripécias na terceira idade

O ONU (Organização das Nações Unidas) estim

na Europa será de 28%. Na América do Norte, o

frequentador assíduo de sessões vespertinas: "Só

tem eu e as cabeças branquinhas", brinca.

mes para essa geração.

Filho da Nove e *O Quarteto*

perdeu o juízo e decide interditá-lo na Justiça.

O gênio autoritário minou a relação de Poli-

doro com o filho, Paulo (Danton Mello),

um aspirante a pianista clássico

que culpa o pai pelo fracas-

so profissio-

nal. Os dois

não se falam

há duas décadas

encontros semanais por três meses, acompanhados

Lima). A convivência forçada é o motor dess

drama, pois Polidoro está perdendo a memória.

Polidoro saudoso da viúva e cercado de mulheres, o filho distante, a bartender e a advogada: vida que segue

Saldanha acompanhou de longe, pois mora nos Estados Unidos, mas veio ao Brasil participar da montagem. "O Tiago já tinha o filme na cabeça e vim para dar aquela visão de fora. As vezes eu fico tão imerso em meus filmes que perco a objetividade, por isso nessas horas é ótimo ter o olhar de terceiros. Acho que exerci essa função para o Tiago", diz.

Antes Que Eu Me Esqueça foi exibido nos Festivais de Santa Barbara e San Jose, na Califórnia, além de França e Portugal. Segundo Arakilian, a reação é sempre a mesma: risos e lágrimas. Saldanha ficou emocionado. "O filme fala da importância do apoio familiar na terceira idade e abre uma reflexão sobre estar junto em momentos difíceis", afirma. "Quando há um agravante como o Alzheimer, a doença pode se tornar um aprendizado, por mais doloroso que seja."

Arakilian conta que o elenco se deixou tomar pela emoção. "O Danton (Melo) chorou pra caramba ao ler o roteiro, pois tem um caso de Alzheimer na família", revela. "Já a Guta (Stresser) sabia que sua personagem, a Joelma, seria o alívio cômico e investiu em um humor de chanchada. Foi ótimo tê-la nos sets." Outro foco de humor foi a inserção da música clássica no ambiente da boate, já que Polidoro escala o filho para tocar piano em um dos shows. "Eu ouço mais música clássica do que qualquer outra coisa, ela traz uma emoção própria e levá-la para uma casa de striptease cria um elemento cômico sem precisar apelar a 'piadinhas', comenta o cineasta.

A produção integrou a seleção da Mostra SP 2017, mas Arakilian não quer cair na categoria filme de arte. "No Brasil, por uma razão de mercado, ficamos presos em dois extremos: ou é muito comercial, ou muito artístico, não conseguimos trabalhar no meio termo", opina. "Os filmes franceses e argentinos que chegam aqui, por outro lado, são no meio do caminho." Para o diretor, a comédia extrema é difícil de ser levada a outro país por ter um humor muito regional. E o mesmo acontece com o cinema artístico, que depende dos festivais para se internacionalizar. "*Antes Que Eu Me Esqueça* quer ocupar esse espaço do meio", conclui ■

Seu evento vai criar **muito mais impacto** nas salas **Cinemark**.

de produtos, coletivas

Temos também
as melhores opções de
COMBOS para seu evento
ficar mais completo.

Esperamos seu contato
eventos@cinemark.com.br

CINEMARK

OUCHIE!

O DONO DA FESTA

mundo estava em guerra e ele decidiu lutar contra todos para fazer a diferença. Sua atitude heroica salvou milhares de pessoas da morte certa. Anos depois, sua esposa revelou que ele não passava de uma fraude. Era um sujeito beberrão, egocêntrico e, além de tudo, mulherengo. Um verdadeiro "estrupício" (em suas próprias palavras – e bom ressaltar), Ele, sim, teria feito todas as boas ações que foram creditadas ao marido. Depois do Holocausto, o casal viveu um tempo na Alemanha e se refugiou na Argentina. O tempo o transformou em herói e ele até ganhou um filme que contou sua trajetória. Seu nome: Oskar Schindler. O que ele tem a ver com isso? Absolutamente nada, mas resolvi começar esse texto desta forma não apenas para mostrar como as aparências enganam, que as mulheres é que fazem todo o trabalho pesado e também que Steven Spielberg é "o cara".

Esqueça Schindler, a Segunda Guerra Mundial e até mesmo Spielberg. O assunto aqui é *Deadpool 2*, a sequência do filme que assombrou o público, crítica e "haters" ao arrecadar mais de US$ 780 milhões nas bilheterias mundiais (e deixou para trás Hugh Jackman e seu *Logan*). Recordista em produções com a classificação R (Rated, que são proibidos para menores nos Estados Unidos), sua continuação chega aos cinemas cercada de grandes expectativas. Como todo mundo aqui viu o primeiro filme, não há a necessidade de daqueles já batidos flashbacks. Então bola pra frente.

"Ryan (Reynolds, um dos melhores atores vivos de Hollywood) tem um talento cômico incrível", afirma o diretor David Leitch (*De Volta ao Lago Arômica*), que realmente sabe o que faz. Leitch entrou no lugar de Tim Miller, que saiu do projeto com a velha desculpa esfarrapada de "diferenças criativas". Todo mundo sabe que ele saiu porque se desentendeu com Reynolds, mas isso não vem ao caso agora. *Deadpool* funciona porque se encaixa perfeitamente em seu estilo. Existe uma simbiose entre os dois: ele realmente é Deadpool na vida real, no que diz respeito ao jeito de falar e ver o mundo. Ele é engraçado e irreverente, mas também tem um enorme coração e paixão, como Deadpool", completa.

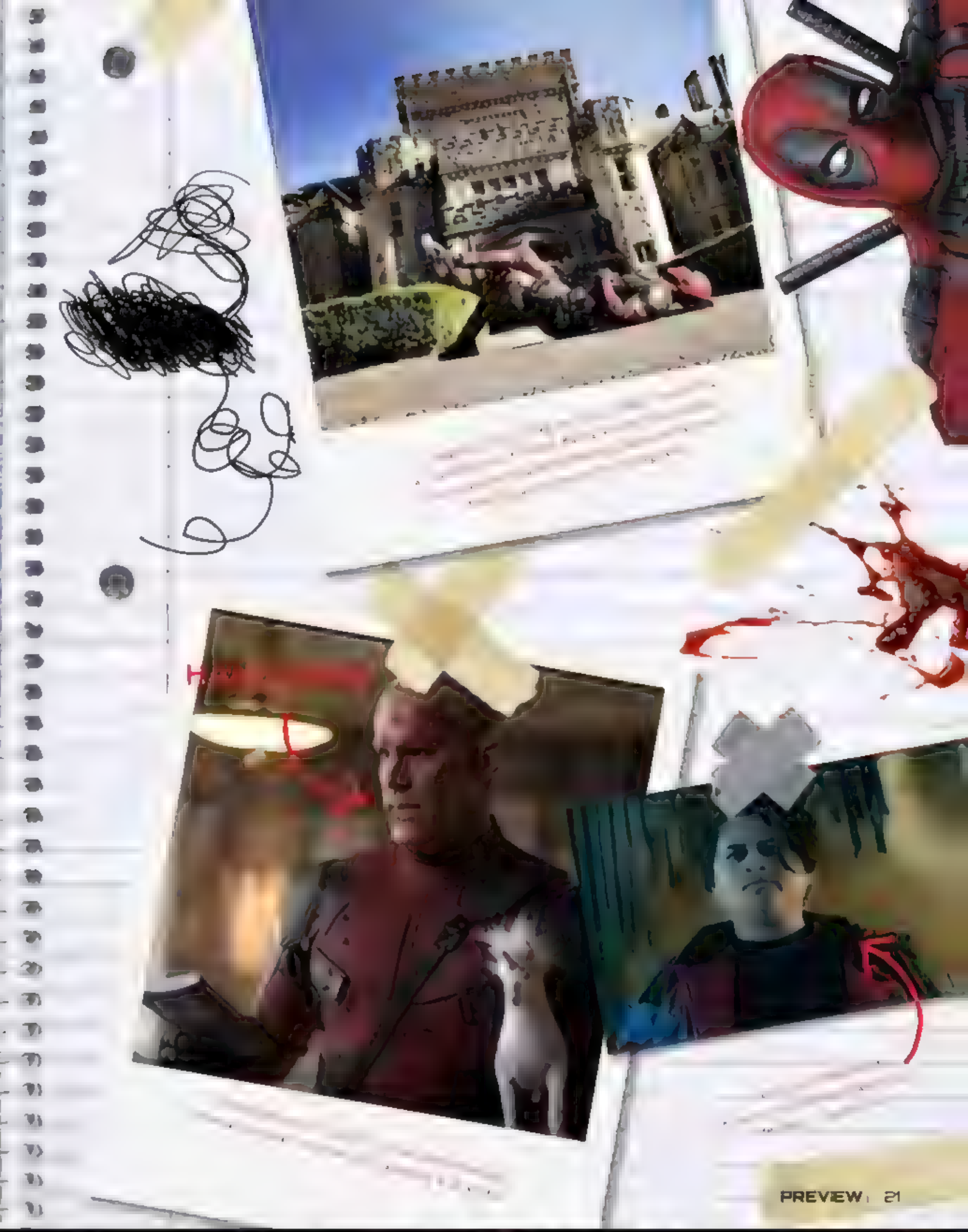
Além de um novo diretor sincero (e devidamente bem pago), há outros elementos essenciais para se fazer um filme decente, como ter bons roteiristas e produtores. Esses profissionais não precisam apenas escrever uma boa história, mas também arranjar dinheiro para financiar toda essa maluquice. Rhett Reese e Paul Wernick estão envolvidos com *Deadpool* desde 2009. "Parece que estamos vivendo com ele a vida toda", exagera Wernick, indicado ao prêmio de melhor beijo do MTV Movie Awards de 2010 por *A Proposta*. Ryan Reynolds se juntou a Reese e Wernick para escrever o roteiro do primeiro filme. "Levamos cinco ou seis anos superando desafios para finalizar o trabalho, e fizemos com a mesma paixão de uma produção independente", relembra Reese. "Deadpool é um peixe fora d'água em se tratando de super-heróis. Ele é irreverente, bobo, infantil, violento e chato. Ele é um monte de coisas que super-heróis nunca serão", diz.

> "Deadpool é um peixe fora d'água em se tratando de super-heróis. Ele é irreverente, bobo, infantil, violento e chato" – Paul Wernick, produtor e roteirista

SEM SEGREDOS

Ao contrário de filmes do Universo Cinematográfico Marvel, a trama de *Deadpool 2* não é guardada a sete chaves. O herói da Deadpool mais uma vez é interpretado pelo talentoso Ryan Reynolds, está de volta e agora precisa proteger um jovem mutante, Russell (Julian Dennison), que está sendo caçado pelo viajante do tempo Cable (Josh Brolin, o Thanos em pessoa de *Vingadores: Guerra Infinita*). Para salvar a vida do garoto, ele reúne uma equipe que inclui a sortuda Dompo (Zazie Beetz, da série *Atlanta*), Shatterstar (Lewis Tan, de longa *The Badlands*) e Bedlam (Terry Crews, de *Os Mercenários*). O filme também traz de volta alguns nomes da produção anterior, como Morena Baccarin, da série *Gotham*), T.J. Miller (*Jogador No. 1*) e Brianna Hildebrand (vista recentemente no seriado *O Exorcista*).

"*Deadpool* não leva o gênero a sério, e também não se leva a sério", explica Reese. "Neste filme, Ryan Reynolds tira sarro de si mesmo, do roteiro e até do estúdio Fox. É hilário com todas



as coisas associadas a franquia, e isso acaba suavizando as piadas sobre outras pessoas, já que não nos evanhos a ser o , completa o produtor O colega Wernick tem uma opinião semelhante "Deadpool é essencialmente uma comédia, mas a história tem apelo sentimental O 'molho secreto' de *Deadpool* é seu núcleo emocional A criançada se identifica com o Homem Aranha porque é um jovem nerd que coloca a máscara e vira um super herói Já Deadpool é um sujeito que sofreu a vida inteira mas que se conecta com o público pela superação, pelas brincadeiras e, claro, porque vence no final , explica Wernick

A escolha de Josh Brolin para encarnar o mutante Cable foi elogiada até mesmo pelo criador do personagem nos quadrinhos Rob Liefeld Josh Brolin não poderia ser mais perfeito para o papel É ele é um dos atores mais talentosos de todo tempo e espaço derrete se Liefeld O artista visitou os bastidores da produção e não escondeu a empolgação quando viu que Brolin era realmente Cable Apesar do tom exagerado de Liefeld ele era a segunda pessoa mais talentosa do pedaço depois de Reynolds claro Brolin passou por uma grande preparação antes das filmagens "Ele disse que estava na melhor forma da vida , completa

Filho do ator James Brolin (também conhecido como o atual esposo da estrela da música Barbra Streisand), Brolin tomou de assalto a Marvel Depois de algumas pontas como o vilão Thanos desde o primeiro *Guardiões da Galáxia*, ele se tornou a grande ameaça de *Vingadores Guerra Infinita* enfrentando sozinho todos os super heróis do Universo Cinematográfico Marvel de uma vez Nada mal para um sujeito que começou a carreira no filme *Os Goonies*, em que interpretava o irmão mais velho valentão do protagonista

Mas como nem tudo são flores até ganhar o papel de Cable Brolin teve de superar um trauma antigo Sua primeira aventura no mundo dos super heróis foi no catastrófico *Jonah Hex*, em que interpretou o caçador de recompensas feioso saído das histórias em quadrinhos Mesmo com um elenco estelar, que contava com a presença de Megan Fox John Malkovich e até Michael Fassbender, o filme foi um retumbante fracasso de bilheteria Mas se o grande astro Reynolds conseguiu sobreviver a uma participação esquecível em *X Men Origens Wolverine* (em que, vejam só, já dava uma versão prévia de *Deadpool*) e *Lanterna Verde*, é claro que Brolin não terá problema em superar o desastre

> "Ryan Reynolds tornou Deadpool um pouco mais sacana Ele consegue trazer um nível de absurdo que acaba funcionando no cinema", Rob Liefeld, criador do personagem

PRESSÃO MENSA

Se no primeiro filme ninguém dava muita bola para Deadpool, a continuação foi o extremo oposto "A pressão é imensa, cada pequeno detalhe divulgado pela imprensa virava uma grande notícia Foi aí que percebemos como a expectativa era enorme", relembra Wernick "O que Ryan Rhett e eu tentamos foi usar a mesma técnica do primeiro Se a cena fizesse a gente rir e lágrimas saíssem de nossos olhos e fossem lágrimas de felicidade sabíamos que estávamos no caminho certo diz O roteirista confessa que a beleza de *Deadpool* é que, quanto mais obscura é a referência, mais engraçada ela é

Rob Liefeld inclusive confessa que virou fã da adaptação de seus quadrinhos para as telas Ryan tornou Deadpool um pouco mais sacana Ele consegue trazer um nível de absurdo que acaba funcionando no cinema, e se encaixou perfeitamente no personagem Acho que o fato de ser proibido para menores encontrou seu próprio nicho conta o artista Para Liefeld a razão para gostar tanto do primeiro filme é que ele era um adolescente nos anos 80 quando algumas produções adultas estouraram nos cinemas como *Exterminador do Futuro*, *Alien O Oitavo Passageiro* e *Predador* Implorantes que a classificação liberado para maiores de 17 anos surgisse para meio que estragar a festa Eu acho que *Deadpool* relembra muito essa época", finaliza

Se Josh Brolin é o motor de *Deadpool 2* o coração está centrado na figura de Russel, o misterioso jovem mutante que é o alvo de Cable O personagem é interpretado pelo neozelandês Julian Dennison, que ficou conhecido em 2016 pela comédia de ação *Fuga para a Liberdade* ou *A Incrível Aventura de Rick Baker*), produção neozelandesa dirigida pelo compatriota Taika Waititi, *Thor Ragnarok* e ram

SUCKS!

bem estreada por Sam Neill (*O Passageiro*), que bateu recordes de bilheteria em seu país natal.

Na história, Russell é um jovem que vive em um orfanato administrado por um lunático (Eddie Marsan, de *7 Dias em Entebbe*). E está no fundo do poço, bastante triste, e só quer explodir coisas. Seu poder é justamente lançar bolas de fogo através de suas mãos. Para construir seu personagem, o ator mesmo se inspirou em uma tradicional Haka, uma dança de guerra Maori (como é conhecido o povo nativo da Nova Zelândia). Denisson tinha 14 anos quando lutou *Deadpool 2* e isso atrapalhou um pouco o seu trabalho de pesquisa. É claro que ele não tinha idade suficiente para ver o primeiro filme quando foi lançado, e teve de se contentar com uma versão light. "Eu pulei todas as partes pesadas e mesmo assim continuou um dos filmes mais engraçados de todos os tempos", conta Denisson, sem muita convicção. "É claro que agora eu faço parte das partes pesadas, e não vejo a hora dos meus pais conferirem a produção no cinema. Eles provavelmente vão sair da sala dizendo 'em que vocês meteram nosso filho?'", brinca para desespero da turma do politicamente correto.

Para os fãs mais "hardcore" dos quadrinhos, há muito a ser explorado em *Deadpool 2*. Como não poderia deixar de ser, o filme está recheado de referências ao universo pop. O desenhista de produção David Scheunemann (parceiro do diretor David Leitch em *Atômica*) trabalhou ao lado dos diretores de arte Dan Hermansen e Roger Fires para encher a produção de easter eggs. De *Os Goonies* passando por filmes da Marvel e até da concorrente DC, cada cena tem alguma surpresa escondida. "Só não vão gravar o filme escondido nas salas de cinema. Não vale a pena, a qualidade é horrível."

DOMINÓ (ZAZIE BEETZ)

BEDLAM (TERRY CREWS)

SHATTERSTAR (LEWIS TAN)

ZEITGEIST (BILL SKARSGARD)

PETER (ROB DELANEY)

Você não pediu...

Mas fizemos mesmo assim!

venda exclusiva:

www.lojapreview.com.br

JUVENTUDE

HAN SOLO: UMA HISTÓRIA STAR WARS promove uma visita ao passado do contrabandista mais famoso daquela galáxia muito, muito distante

Desde que a Lucasfilm foi adquirida pela Disney em 2012 e a saga ganhou novos capítulos e histórias independentes, manter segredo virou regra para *Star Wars*. O estúdio, então, resolveu "blindar" cada lançamento que chegava aos cinemas. O lado bom ao adotar essa política era surpreender sempre o espectador. O ruim era justamente não oferecer nenhum aperitivo para saciar a fome por novidades dos fãs de carteirinha antes da estreia (apenas os trailers, e algumas rápidas vinhetas com entrevistas curtas).

Com *Han Solo*, a história não foi diferente. Sim, o público tem plena consciência de que a trama vai acompanhar a juventude do mais famoso contrabandista da galáxia, mas os detalhes são guardados a sete chaves. Para piorar, a produção foi cercada de problemas, que começaram logo na escolha do ator Alden Ehrenreich (*Ave, César!*) para interpretar o icônico papel eternizado por Harrison Ford. Desde o início das filmagens, rumores indicavam que ele poderia ter sido a escolha errada para assumir o personagem.

O que ninguém esperava é que a tragédia maior ainda es

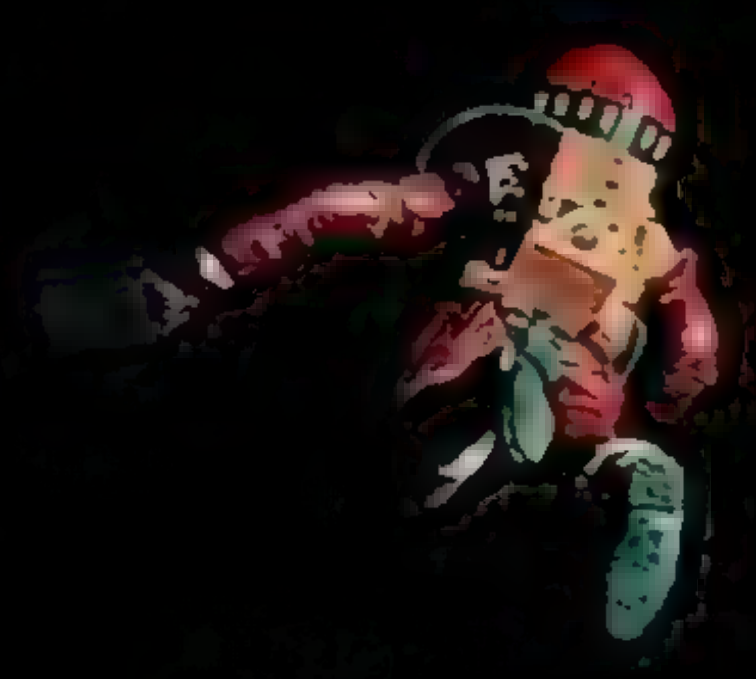
Aiden Ehrenreich como o jovem Han Solo e o fiel parceiro Chewbacca: aventureiros das galáxias

tava por acontecer. Algumas semanas antes do final das gravações, a dupla de diretores Phil Lord e Christopher Miller (de *Uma Aventura Lego* e *Anjos da Lei*) foi sumariamente demitida. Para tentar salvar a espaçonave desgovernada, foi recrutado o veterano Ron Howard (do recente *Inferno*), que teve de botar ordem na casa em tempo recorde e praticamente regravar 80% das cenas. Tudo para não perder a data de lançamento original, a mesma do primeiro *Star Wars* de 1977.

Toda essa novela, entretanto, pouco importa. O que os fãs querem é ver Han Solo em ação ao lado de Chewbacca (o finlandês Joonas Suotamo), o primeiro encontro do herói com Lando Calrissian (Donald Glover, visto recentemente em *Homem-Aranha: De Volta ao Lar*), além de um elenco coadjuvante que inclui nomes como Woody Harrelson (que interpreta Tobias Beckett, o primeiro mentor de Solo), Emilia Clarke (*Game of Thrones*), Paul Bettany (*Vingadores: Guerra Infinita*) e Thandie Newton (da série *Westworld*). PREVIEW então saiu em busca de quem realmente importa, os fãs, para descobrir quais as expectativa em relação a *Han Solo: Uma História Star Wars*.

Donald Glover, Woody Harrelson, Paul Bettany e Emilia Clarke valorizam o elenco

TELONA
ESPECIAL
OFFICIAL



2001 - Uma Odisseia no Espaço: Stanley Kubrick revoluciona a ficção científica

NÃO ACABOU

Há 50 anos, o revolucionário MAIO DE 1968 moldou toda uma geração e deixou um legado cinematográfico que PREVIEW retoma a partir da derradeira 21ª edição do Festival de Cannes.

POR RENATO FERREIRA

udo seguia como o programado naquele Festival de Cannes de 1968. No dia 18 de maio, a plateia esperava a exibição do novo filme de Carlos Saura, *Peppermint Frappe*. Mas os cineastas Jean-Luc Godard, François Truffaut e Claude Berri chegaram ao Palácio dos Festivais exigindo o cancelamento do evento, em apoio às revoltas de estudantes e trabalhadores que enfrentavam a violência da polícia em Paris. Era o emblemático Maio de 1968 chegando à Riviera.

Embora Robert Favre Le Bret, diretor do festival, estivesse tentando manter o evento em seu curso, a tensão já estava no ar. Cineastas e críticos vinham afirmando que seria ridículo Cannes seguir como se nada estivesse acontecendo enquanto as coisas pegavam fogo na capital. No dia 17, uma assembleia batizada de Estados Gerais do Cinema (referência à Revolução Francesa de 1789) exigiu a interrupção. No Palácio dos Festivais, Saura foi um dos primeiros a aderir, subiu ao palco e, junto com Godard, Truffaut e a atriz Geraldine Chaplin, se pendurou nas cortinas para impedir a exibição do próprio filme. A sessão continuou mesmo de luzes acesas, mas o debate sobre o destino do evento e da França prosseguiu com insultos, empurrões e tapas.

O protesto causou uma reação em cadeia: parte do júri (os cineastas Roman Polanski e Louis Malle e a atriz Monica Vitti) anunciou apoio ao protesto. Os diretores Alain Resnais e Milos Forman seguiram Saura e retiraram seus filmes da competição. Le Bret não teve outra opção: anunciou no dia seguinte o cancelamento do 21º Festival de Cannes.

O mundo do cinema estava intimamente ligado aos protestos em Paris. Em fevereiro, o Ministério da Cultura havia destituído o presidente da Cinemateca Francesa, Henri Langlois, mentor de toda uma geração de cinéfilos. A decisão provocou uma mobilização de cineastas e manifestações em frente à Cinemateca que gerou embates com a polícia, uma prévia do que viria a acontecer em maio. Truffaut, que estava rodando *Beijos Proibidos* naqueles dias, fi mou um plano da Cinemateca fechada e dedicou o filme à ela e a Langlois, que acabou reconduzido ao cargo no começo de maio.

As ruas voltaram a ferver quando estudantes das universidades de Nanterre e Sorbonne exigiram reformas no setor educacional da França. A repressão da polícia fez o movimento crescer e ganhar apoio. Os combates duraram dias e culminaram na greve geral do dia 13 de maio.

Paris, que já havia sido uma festa, virou uma praça uma guerra. Pichações se tornaram porta vozes do movimento. "Seja realista, exija o impossível". "A imaginação ao poder"; "Todo poder abusa. O poder absoluto abusa absolutamente"; "É proibido proibir". O governo convocou eleições para o mês seguinte, prometeu aumentos salariais, os ânimos se acalmaram e a revolução não veio. Aliados do presidente francês Charles De Gaulle venceram as eleições, o que frustrou quem havia protestado. Ainda assim, De Gaulle acabou renunciando no ano seguinte.

Maio de 1968 deixou marcas no cinema. Cannes voltou em 1969 com um espírito mais aberto, político e rebelde

com obras como *Z* de Costa Gavras, e *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* de Glauber Rocha, além de *Se* de Lindsay Anderson e *Sem Destino* de Dennis Hopper. Também foi criada a Quinzena dos Realizadores, com atenção a jovens cineastas.

Godard foi o mais afetado diretamente pelos movimentos de maio. Ele já vinha buscando um cinema político como em *A Chinesa* (1967), mas radicalizou a bordo do Grupo Dziga Vertov, batizado em honra ao cineasta soviético que pregava filmes coletivos, debatidos democraticamente pela equipe e com viés marxista. O grupo durou até 1972. Essa fase de Godard foi retratada com tons irônicos em *O Formidável* (2017), de Michel Hazanavicius. Louis Garrel interpreta o cineasta em plena ebulição artística e política das filmagens de *A Chinesa* até a experiência com o Grupo Dziga Vertov.

Garrel, aliás, está em outros dois filmes representativos sobre Maio de 1968. Em *Os Sonhadores* (2003), de Bernardo Bertolucci, ele e Eva Green são irmãos que formam com o americano Michael Pitt um trio que vive intensamente aqueles dias. O filme começa com os protestos na Cinemateca Francesa, inclusive colocando os atores Jean-Pierre Léaud e Jean-Pierre Kalfon para reproduzirem seus discursos daquela manifestação. O terceiro é *Amantes Constantes* (2005), em que o ator é dirigido pelo pai, Philippe Garrel, que esteve nas ruas nos idos de maio. Mais próximo do calor dos acontecimentos, *A Mãe e a Puta* (1973), de Jean Eustache, aborda as sequelas das manifestações. E *Noites Longas e Manhãs Breves* (1978) é o principal documentário sobre Maio de 1968.

O ano de 1968 é como um vértice para o século 20 e o cinema compareceu com uma de suas obras definitivas. *2001 Uma Odisseia no Espaço* foi lançado em abril e não só revolucionou a ficção científica como fez uma abordagem filosófica sobre o passado e futuro da humanidade, algo inédito para um filme de grande estúdio.

Stanley Kubrick procurou o escritor Arthur C. Clarke para desenvolverem um roteiro sobre inteligência alienígena. Juntos, partiram do conto *A Sentinela*, em que Clarke tratava de uma estrutura descoberta na Lua, deixada no passado por uma raça extraterrestre como uma forma de alertar se os habitantes da Terra chegassem ao espaço.

A dupla criou simultaneamente o roteiro e o romance *2001*. O filme ousava sugerir que a evolução humana estava relacionada à influência alienígena: seres primitivos tinham contato com um estranho monolito e descobriam ferramentas que poderiam ser usadas para matar a caça – e inimigos. O corte do osso jogado para o alto pelo primata dá um salto de milhões de anos. Agora, astronautas fazem uma viagem a Júpiter após um monolito ser encontrado na Lua. O supercomputador HAL-9000, no entanto, enlouquece e começa a matar a tripulação. A ferramenta se voltou contra o ser humano.

Sem muito sucesso, a MGM já planejava retirá-lo dos cinemas quando [illegible] pediram a permanência em cartaz, por conta do aumento de jovens adultos na audiência. Não eram só as cenas da consciência humana primitiva sendo ampliada ao som de "Assim Falou Zaratustra", de Richard Strauss, o balé espacial com o "Danúbio Azul", ou os efeitos surpreendentes – boa parte dessa plateia queria assistir sob o efeito de drogas ao delirante show de luzes da cena do Star Gate.

O ápice de um ano que não deixou a desejar. Polanski lançou *O Bebê de Rosemary* e Sergio Leone entregou *Era uma Vez no Oeste*. O destino da humanidade esteve em pauta também em *A Noite dos Mortos Vivos* e *O Planeta dos Macacos*. Um ponto alto da comédia foi *Um Convidado Bem Trapalhão*. E no Brasil que veria em dezembro o AI-5 restringir ainda mais os direitos políticos na ditadura militar, *O Bandido da Luz Vermelha* mostrava a rebeldia do cinema Udigrudi. ■

ENTREVISTA

Respire, se for capaz!

HEITOR DHALIA leva para a telona o premiado HQ de Marcello Quintanilha, *Tungstênio*, uma frenética trama policial ambientada nas ruas de Salvador

POR SUZANA UCHÔA TIBERÉ

Na tabela periódica o tungstênio é representado pelo W e ocupa o número 74. É um metal pesado e duro, mas fácil de romper quando está puro. O cineasta Heitor Dhalia ficou intrigado com o título dos quadrinhos de Marcello Quintanilha. Premiada na categoria melhor história policial no aclamado festival francês de quadrinhos de Angoulême, em 2016, a HQ chega aos cinemas em nova colaboração de Dhalia com o roteirista Marçal Aquino, a dupla por trás de *Nina* e *O Cheiro do Ralo*. *Tungstênio* estreia na esteira de *Motorrad*, baseado na obra do quadrinista Danilo Beyruth, e em setembro tem mais com *O Doutrinador*, adaptação da HQ de Luciano Cunha.

Nascido em Niterói, no Rio de Janeiro, Quintanilha é radicado em Barcelona desde o início dos anos 2000, mas álbuns como *Salvador*, *Sábado dos Meus Amores* e *Almas Públicas* mostram o quanto permanece antenado na realidade brasileira. Em *Tungstênio*, é Milhem Cortaz quem narra os eventos que fazem colidir quatro personagens durante um ensolarado dia na capital baiana. Salvador, o ex-sargento do exército Seu Ney (José Dumont), o jovem traficante Caju (Wesley Guimarães), o policial durão Richard (Fabrício Boliveira) e sua esposa Keira (Samira Carvalho Bento). Tudo começa à sombra do Forte de Nossa Senhora de Monte Serrat, onde dois homens pescam com explosivos.

No prefácio dos quadrinhos, Quintanilha explica que o tungstênio é a matéria-prima do dia a dia de seus protagonistas, que vão botar à prova sua dureza. Quem leu vai se impressionar com a fidelidade da recriação quadro a quadro feita por Heitor Dhalia. O diretor falou com PREVIEW por telefone direto da Argentina, onde faria a mixagem de som de seu próximo longa, *Ana*, sobre o qual ele dá uma palinha no final da conversa.

Como *Tungstênio* chegou até você?

HEITOR DHALIA – O quadrinho me foi indicado por um amigo e tive uma intuição boa por causa do nome *Tungstênio*. Entrei em contato com o Marcello pelo Facebook e ele me retornou na hora, o que é raro. Ele se propôs a escrever a primeira versão do roteiro. Descobri por acaso, durante um jantar que o Marçal Aquino, meu parceiro nos roteiros de *Nina* e *O Cheiro do Ralo*, também tinha lido e adorado o quadrinho. Decidimos adaptar, o (Fernando) Bonassi entrou como coautor e o Guel (Arraes) fechou como produtor associado. Foi tudo uma feliz coincidência, nada planejado.

Quintanilha mora há muito tempo em Barcelona, mas ambienta a história em Salvador. Chegaram a conversar sobre isso?

O Marcello estava a trabalho em Salvador e ouviu no rádio a notícia de dois caras presos por pescar com bomba, um crime ambiental bastante comum na Bahia. Eu mesmo vi pescarem assim enquanto estava filmando em locação. Os dois estavam perto do Forte de Monte Serrat quando receberam voz de prisão. Marcello foi investigar, fotografou a região e quando voltou para Barcelona escreveu os quadrinhos. É incrível como, embora more fora há tempos, ele consegue traduzir a voz do Brasil periférico e suburbano como ninguém. Faz uma crônica da periferia brasileira de um jeito impressionante. Seus quadrinhos acessam um Brasil profundo.

Seu primeiro longa, *Nina*, é justamente sobre uma quadrinista e ali

Fabrício [redacted] dá vida a Richard, um policial [redacted] e violento

você já trabalha muito essa linguagem visual. É uma volta às origens?

O Cheiro do Ralo também adapta um romance de um autor de quadrinhos: o Lourenço Mutarelli, então, por coincidência, minhas três parcerias com o Marçal são nesse universo. Não tinha parado para pensar sobre isso. Quadrinho é uma linguagem contemporânea e muito ligada ao cinema, por conta de sua linguagem visual e estilo pop.

Em *Tungstênio* há tomadas e posições de câmera radicais. Foi uma preocupação ser o mais fiel possível?

Tentamos traduzir todos os quadros, das posições dos personagens aos enquadramentos. Filmamos tudo com lentes angulares e foi uma escolha de direção radical. O filme inteiro tem essa pegada e é raro ver esse visual no universo popular, como a favela de Salvador, a Cidade Baixa.

A trama tem quatro personagens bem definidos, que se cruzam com total fluidez.

Sim, e a construção narrativa começa no próprio quadrinho, que é muito engenhoso. A ação é em tempo contínuo, quebrada por flashbacks e flashforwards. Você anda para frente e para trás sem nunca ter certeza em que tempo está. Até os flashbacks são quebrados no tempo, não estão em ordem cronológica. É bem complexo e os personagens se colidem e se conectam nessa narrativa. O elenco todo leu os quadrinhos, para então fazer um aprofundamento sobre os sentimentos de cada personagem. Quando filmamos, o enredo nem tinha essa atualidade toda, mas agora está muito contemporâneo. Há um ex-militar como candidato à

[redacted]: adaptação faz recriação quadro a quadro dos quadrinhos

Presidência a intervenção militar no Rio e um general dando declarações polêmicas. A sombra do passado está de volta e se traduz no Seu Ney. A solução pra ele é a volta do Exército. Mas é um personagem cômico, irônico, com sonhos delirantes de autoridade. É como se o País fosse aquele menino, o Caju, em quem ele quer dar um jeito na pancada.

Tungstênio mescla ação, humor, violência e sexo, mas tem um lirismo que surpreende na etapa final, com a relação entre mãe e filho.

É um universo muito sórdido e violento o dos excluídos, mas são todos seres humanos, com suas contradições e sentimentos. O amor do Caju pela mãe é mostrado em poucos quadros, e isso o Marcello faz muito bem, com delicadeza e domínio da narrativa. Você não espera por aquilo, né?

Depois da megaprodução *Serra Pelada*, você dirigiu o documentário *On Yoga* e agora *Tungstênio*. É um Heitor versão mais relax e low profile?

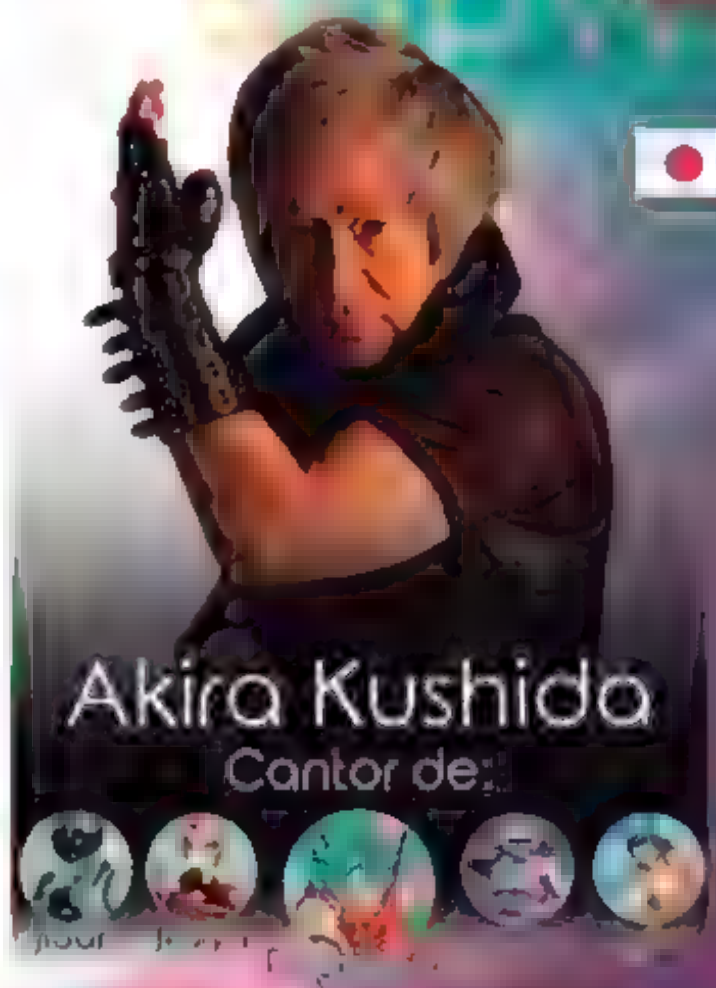
Gosto de transitar em universos diferentes e estou interessado em explorar novas estéticas. Estou num momento em que quero fazer filmes pelo prazer que o projeto me proporciona e não preocupado com público ou festivais. *On Yoga* é o meu filme mais solar, que aborda a espiritualidade, uma face do ser humano mais generosa, solidária e tolerante. Quero descobrir caminhos de atuação, de linguagem e estética. Meus últimos três filmes seguem bem essa linha. *On Yoga*, *Tungstênio* e agora o *Ana*, que está na pós-produção.

Pode falar sobre ele?

Tem um tema polêmico, trata da relação afetiva entre um diretor de teatro e uma atriz iniciante, durante uma montagem de *Hamlet*. Discute abuso, assédio, machismo, feminismo. Aborda temas atuais e se passa inteiro dentro de um teatro. É um filme de arte bem forte ■

WPF
WORLD POP FESTIVAL

- 6 Palcos
- 2 Anfiteatros
- 18 Espaços Temáticas



Segundo lote
até 31 de Maio
R$50,00

Ingressos em: clubedoingresso

19, 20, 21 e 22 de Julho

Mart Center - Rua Chico Pontes, 1500 - Vila Guilherme

www.worldpopfestival.com.br

MESTRE DOS EFEITOS ESPECIAIS
Com novo formato, CINELAB APRENDIZ promo
que sonham ingressar no mundo do cinem

Trabalhar com efeitos especiais é coisa séria mas pode ser algo bastante divertido. Essa sempre foi a proposta do programa *Cinelab*, produzido pela Boutique Filmes e exibido pelo canal pago SYFY. Apresentada por Armando Fonseca, Kapel Furman e Raphael Borghi, a série que está no ar desde 2015 ganhou popularidade ao mostrar o trio produzindo sequências de terror e ação em que a criatividade é colocada à prova.

Em seu quarto ano, o reality ganhou novo formato e título: *Cinelab Aprendiz*. "Essa quarta temporada do *Cinelab* é totalmente diferente dos outros programas, porque nos espelhávamos muito em nosso dia a dia, enquanto esse é uma competição", revela Kapel Furman. PREVIEW visitou o set em uma antiga fábrica na região da Mooca, em São Paulo, que foi transformada em um verdadeiro campo de batalha. Os 20 concorrentes são inicialmente divididos em três grupos, e precisam cumprir várias provas para continuar na competição. A cada episódio, cinco são eliminados. O objetivo é conquistar o título de grande especialista em efeitos especiais, ganhar um troféu e também um curso de computação gráfica e produção de games. "O intuito do programa é pegar nossas experiências no próprio Cinelab e aplicar nos competidores em forma de desafio, para ver que grupo se sai melhor", explica Borghi.

"Entre várias provas, os grupos passarão pelo Desafio do Dia, a fim de testar suas habilidade na hora", conta Fonseca. Depois do Desafio do Dia, os participantes vão para a Arena de Batalha, onde são realizadas provas de produção de efeitos especiais supervisionadas pelos mentores, que avaliam desde a criatividade, habilidade e técnica, até o envolvimento entre os integrantes na dinâmica do teste. Cada etapa tem duas horas de desafio e cinco minutos para os grupos escolherem materiais para executar as provas. A equipe que perder terá uma pessoa do grupo eliminada, dando vantagem ao time vencedor na próxima fase do programa.

"O conselho que damos aos participantes, e para quem está interessado em mergulhar nesse universo de efeitos especiais, é nunca se achar o cara genial e colocar o ego em cima da obra", comenta Furman. A equipe conta que, infelizmente, o Brasil não tem uma boa pré-produção cinematográfica. "Produzimos muito mal, não sei se é por falta de amor de quem trabalha com cinema em produzir o filme de outras pessoas", diz. "Se você é contratado por uma produtora e trabalha lá por um bom tempo, passa a fazer tudo no automático, como se fosse um robô", explica Furman. "Não temos acesso a produções milionárias no Brasil, o que fazemos é filme independente e alcançamos qualidade visual o suficiente para vender e comercializar para os canais interessados. O que realmente temos é tempo e vontade para fazer esse trabalho dar certo e o segredo é sentar, pré produzir e escrever direito", opina Kapel.

Não há pré-requisitos para a competição, e Borghi comenta que a maioria nunca pisou em um set de filmagens. "São competidores de várias regiões do Brasil, mas são pessoas que precisam saber atuar e ter uma noção do que estão fazendo", comenta. "Precisa ter vontade de colocar a mão na massa." A ideia é mostrar ao público que não é preciso ser profissional no ramo para produzir efeitos para o cinema. "Se o cara tiver determinação, vai fazer um efeito e um filme bom sem precisar de muito, porque não é necessário ter milhões de reais para fazer uns efeitos legais", diz. "Ensinamos que sem cinema não tem efeito, mas que também um efeito bom não salva um filme ruim, então tem de existir esse elo", explica.

Para Borghi, o desafio não é apenas produzir o efeito especial, mas também fazer cinema. "Queremos que o pessoal saia daqui pronto para realizar o próprio filme", afirma. "O objetivo do programa é e sempre foi mostrar que criatividade, e não o dinheiro, é tudo no mundo dos efeitos especiais", finaliza Kapel. ■

SYFY

Efeitos sonoros: volume alto

Os apresentadores: avaliação

TROPA DE ELITE

[illegible]

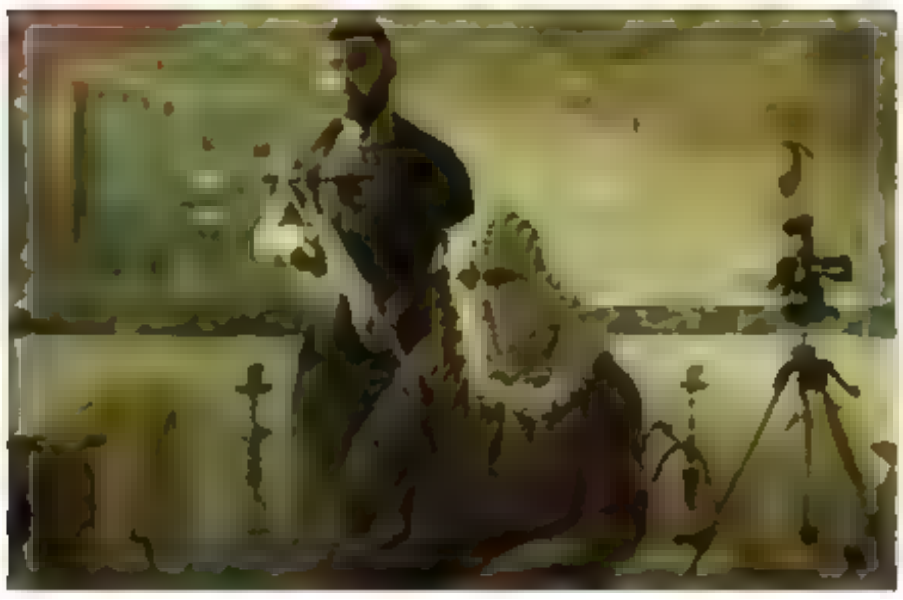
POR EDERL FORTUNATO

O trabalho de uma equipe de operações especiais do exército de Israel poderia facilmente cair na mesmice como conteúdo para uma série. Mesmo sendo uma unidade de Mista'arvim, militares especializados em trabalhar disfarçados, emulando com perfeição o falar e agir de árabes e palestinos para obter informações, resgatar reféns e realizar missões antiterroristas. O que fez de *Fauda* (caos em árabe) um thriller fora da curva foi sair do modelo "nós contra eles" e dar aos personagens palestinos o mesmo tempo em cena e complexidade destinados aos israelenses. O resultado foi o inédito sucesso de uma produção israelense junto ao público árabe em Israel e elogios pelo realismo com que os episódios retratam a vida na região.

Falada em árabe e hebreu, Fauda ganhou esse enfoque incomum para a produção local graças à experiência de Lior Raz como membro das forças especiais. Protagonista e criador da série ao lado do jornalista Avi Issacharoff, Raz decidiu desde o início que o foco seria mostrar o impacto do trabalho sobre os soldados e suas famílias, o mesmo valendo para os combatentes do lado árabe. O resultado é uma história que se nega a dar razão a um dos lados ou a mostrar personagens incapazes de erros. Com cenas inspiradas na biografia dos criadores, um dos episódios é dedicado à namorada de Raz, morta por terroristas.

A primeira temporada acompanha Doron (Raz), um militar que volta ao trabalho quando descobre que o terrorista que ele acreditava ter matado está vivo e pretende comparecer ao casamento do irmão caçula. Apoiados por imagens feitas por drones, que provocam uma incômoda sensação de desnudamento, os israelenses infiltram-se na festa, que se transforma em mais um confronto na espiral de ataques e contra-ataques do conflito árabe-israelense.

A segunda temporada (disponível a partir do dia 24 de maio, na Netflix) segue o mesmo ritmo de ação tensa e constante, com cenas que mostram o preço pago não ape



Lior Raz ao centro, na foto ao lado, e os outros membros do esquadrão antiterrorista

nas pelos soldados de ambos os lados, mas também por todos que os cercam. Presente também a sensação de infinitude do conflito em que os mortos são substituídos com leveza e rapidez, acompanhada do desejo de vingança que alimenta os dois lados, e a chegada de novos participantes que trazem os interesses do Estado Islâmico para a trama.

Adquirida pela Netflix para exibição em 130 países e renovada para a terceira temporada antes mesmo da estreia da segunda, *Fauda* segue como um dos melhores dramas disponíveis graças à sua complexidade, estrutura bem amarrada e atuações. Como outras produções relevantes, gera repercussões fora do entretenimento. Desde a estreia da série, o interesse por acompanhar a história sem legendas fez aumentar a procura pelo aprendizado do árabe entre os israelenses. Coisa que a convivência diária não conseguiu.

Há anos Israel firma-se como fonte de boas séries dramáticas, em especial os thrillers de espionagem calcados na complexa realidade política do país, com destaque para *Hatufim*, exibida aqui como *Prisioneiros de Guerra*. Produzida em 2010, a história de dois soldados israelenses libertados após 17 anos de cativeiro foi a origem de *Homeland*. O mesmo aconteceu com *Bnei Aruda*, em que uma médica tem a família sequestrada para obrigá-la a matar o primeiro ministro durante uma cirurgia, embora com resultado diferente. Renomeada *Hostages*, a versão americana com Toni Collette durou apenas uma temporada.

Fora do gênero, mas responsável pelo início da onda de adaptações americanas de séries israelenses está *Be Tipul*. Rebatizada *In Treatment*, a série sobre um psicoterapeuta teve Gabriel Byrne no topo do elenco nos Estados Unidos e Zecarlos Machado na brasileira *Sessão de Terapia*. Estão a caminho ainda as adaptações de *Shtisel*, drama sobre uma família ultraortodoxa renomeada *Emmis* e *Euphoria*, adaptação da HBO para um drama adolescente. No Reino Unido a produção israelense também encontrou espaço com *The A Word*, a versão local de *Pilpelim Tzehubym*, a história de uma família com um filho autista.

Similar ao sucesso da produção norueguesa com séries como *Borgen* e *The Killing*, as séries israelenses primam pela capacidade de ter seus enredos transportados para outras realidades geográficas. A tradição em contar histórias e a existência em uma região de conflitos certamente têm seu papel na produção de dramas relevantes, mas outro elemento de peso é a falta de orçamento e restrições de trabalho. Sem dinheiro, a produção israelense tem de manter o foco no enredo e nos personagens. Nada de desviar o olhar do público com pirotecnia ■

NETFLIX

MONTY PYTHON: QUASE COMPLETO

A comédia nunca mais foi a mesma depois que o grupo Monty Phyton surgiu na TV no final dos anos 60. Com piadas inteligentes e investindo no absurdo, a trupe formada por John Cleese, Graham Chapman, Eric Idle, Terry Jones, Michael Palin e Terry Gilliam deixou sua marca na história do humor. Para quem nunca ouviu falar nesse povo, a Netflix está oferecendo uma chance de ouro. O serviço de streaming colocou em sua programação a série completa com quatro temporadas, além dos três longas oficiais produzidos entre 1975 e 1983. Mesmo com algumas pérolas de fora (como a coletânea de quadros de *E Agora para Algo Completamente Diferente* e a gravação do show *Monty Python - Ao Vivo no Hollywood Bowl*), o público pode se deliciar com os clássicos *Monty Python em Busca do Cálice Sagrado*, *A Vida de Brian* e *O Sentido da Vida*. A série original pode ter perdido um pouco do impacto (muitas piadas não funcionam por terem sido copiadas até a exaustão durante os anos), mas os filmes continuam primorosos – em especial *A Vida de Brian*, que conta a história de um sujeito simplório que é confundido com o messias. Bastante ousado na época e continua arrasador mesmo nos dias de hoje. *RICARDO MATSUMOTO* ★ ★ ★ ★

NETFLIX

TRAMA FANTASMA

Na superfície, o novo filme de Paul Thomas Anderson poderia ser visto como um romance entre o famoso estilista Reynolds Woodcock (Daniel Day-Lewis) e a garçonete Alma (Vicky Krieps). Mas o filme mistura isso com uma aura de suspense, um estudo sobre a masculinidade tóxica e a permissão dada aos gênios para se comportar mal. A relação de Reynolds com Alma, que vira sua musa e modelo, é tão complexa quanto a que ele tem com sua própria irmã, Cyril (Lesley Manville). Igualmente o relacionamento entre as duas mulheres é cheio de nuances. Vicky Krieps e Lesley Manville estão ótimas, e Day-Lewis mostra por que é, de longe, o melhor ator em atividade. Duro é saber que este é seu último filme, já que anunciou a aposentadoria. *MARIANE MORISAWA*

★ ★ ★ ★ ★

DVD, LOOKE

A FORMA DA ÁGUA

Vencedor do último Oscar (além da estatueta de melhor filme, ganhou as de direção, direção de arte e trilha sonora), *A Forma da Água*, assinado por Guillermo del Toro, tende a conquistar o espectador devido, principalmente, ao excelente desempenho de Sally Hawkins – interpretando a faxineira muda Elisa, que se envolve com uma criatura marinha – e à abordagem nostálgica da história ambientada na Baltimore do começo da década de 1960. As diversas referências espalhadas ao longo da projeção e a lembrança das grandes salas de cinema do passado emocionam. Também responsável pelo roteiro (em parceria com Vanessa Taylor), del Toro concilia, com habilidade, romance e tempero macabro. *DANIEL SCHENKER* ★ ★ ★ ★

LOOKE, NOW

ARTISTA DO DESASTRE

Pouca gente fora dos EUA conhece *The Room*, que ganhou fama em Los Angeles como o pior filme do mundo, com sessões animadas com participação da plateia, que grita os diálogos absurdos e joga colheres de plástico na tela, e do diretor Tommy Wiseau. A história de como o longa foi feito virou filme nas mãos do prolífico James Franco, num trabalho superior aos seus anteriores como diretor. Franco também interpreta Wiseau, cercado de mistérios e cheio de pretensões artísticas. Wiseau conhece o jovem aspirante a ator Greg Sestero (Dave Franco), os dois se mudam para Hollywood e logo começam a fazer o tal filme. É engraçado, mas também celebra o produto mais vendido pelo cinema americano: o sonho. *MM*

★ ★ ★

LOOKE

SOBRENATURAL: A ÚLTIMA CHAVE

Dirigido pelo desconhecido Adam Robitel, *Sobrenatural: A Última Chave* foca na origem da paranormal Elise Rainier (Lin Shaye, de *Ouija: Origem do Mal*), que retorna para sua casa de infância a fim de resolver pendências turbulentas do passado. Melhor que o capítulo anterior, o filme oferece bons sustos, mas não supera os dois primeiros títulos da série criada por James Wan e Leigh Whannell (responsáveis também pela bem-sucedida franquia *Jogos Mortais*). Apesar disso, *A Última Chave* ultrapassou todos eles nas bilheterias mundiais e ainda deve ter vida longa no cinema. *MICHELE ALVES* ★★½

DVD

THE POST: A GUERRA SECRETA

Um grande cineasta revela algo subs tancial do mundo e de seu tempo quando cria microcosmo narrativo de seu filme. Foi o que fez Steven Spielberg ao reconstituir fatos ocorridos em 1971 – a publicação pelo jornal *Washington Post* de do cumentos secretos sobre a Guerra do Vietnã, que comprometiam os presidentes J.F. Kennedy, Lyndon Johnson e Richard Nixon. Spielberg invoca o papel clássico do jornalismo como o quarto poder democrá tico, hoje sucateado pelas fake news, e ainda retrata a ascensão da mulher na so ciedade com a personagem Kay Graham, dona do jornal. *FABIANO GIGLIO* ★★★★

BLU-RAY DVD LOOKE

CINQUENTA TONS DE LIBERDADE

O diretor James Foley encerrou a trilogia de E.L. James com um feito transformou o livro predileto dos fãs no pior filme da série. Sim, há a romântica Paris, sexo e até erotismo, mas a encenação é descuidada e mecânica. Dakota Johnson, Jamie Dornan e seus colegas de elenco tentam, mas não conseguem dar alma à produção, embora a trama pudesse render mais. Após o aguardado casamento, a feliz e sensual vida conjugal de Christian Grey e Anastasia é ameaçada pela perseguição violenta do ex-chefe e pelo comportamento "rebelde" dela, inclusive com uma inesperada gravidez. *FG* ★★½

DVD BLU-RAY LOOKE

A MALDIÇÃO DA CASA WINCHESTER

Com elenco premiado, boas atuações e um início promissor, esperava-se mais de *A Maldição da Casa Winchester*. Inspirada em uma história real, a trama mostra Sarah Winchester (Helen Mirren), herdeira de uma empresa de armas que está sendo assombrada pelos fantasmas dos mortos pelo rifle criado por seu marido. Depois do repentino falecimento do esposo e do filho, Sarah resolve construir uma mansão para "agradar os espíritos". Dirigido e escrito pelos irmãos Michael e Peter Spierig (*O Predestinado*), o longa decepciona pelo roteiro erguido sob um monte de clichês. *M.A* ★★

ONDE VER: DVD BLU-RAY

NA SELVA

O fato de ser inspirado no livro de memórias do protagonista, Yossi Ghinsberg, já é uma luz no fim do túnel com a natureza rendeu outros dois belíssimos filmes por Sean Penn, e o nacional Gabriel e a Montanha, de Felipe Barbosa. Daniel Radcliffe decidiu passar fome por conta própria para mostrar a transformação física de seu para a região da Amazônia Colombiana e, junto com dois amigos que fez por lá e mais um guia alemão meio suspeito, se embrenhou pela floresta.

O verdadeiro Yossi esteve nas filmagens como consultor e nem mesmo o desfecho conhecido diminui a tensão. A flora fascinantes e ameaçadoras, é tão protagonista não se compara ao que Yossi enfrenta em sua fase solitária espectador. *JULIANA UCHÔA MENDES*

ONDE VER: DVD, LOOKE

PANTERA NEGRA

O príncipe T'Challa deu as caras no Universo Cinematográfico Marvel pela primeira vez em Guerra Civil (2016), sem grandes explicações sobre o herói

africano. Na aventura solo, o espectador ganha um

mas há novos desafios na figura de Killmonger, um

do poder. A rixa entre herói e vilão remonta décadas no passado, quando os pais de ambos começaram uma

resto do mundo.

negra no elenco e equipe. A estética africana domina cenários, figurinos e sotaques. Um gosto do que os blockbusters podem fazer quando almejam mais que apenas retorno financeiro. ESTRELADO

O RESGATE DE UMA VIDA

Indicado ao Oscar de coadjuvante por *Sideways – Entre Umas e Outras* em 2005, Thomas Haden Church é um talento subestimado em Hollywood. Essa é a chance de vê-lo como protagonista na pele de um sem-teto que encontra o diário de uma órfã no lixo, e estabelece com ela um emocionante diálogo platônico. Nas ruas porém, ele é escalado por dois playboys para lutar com outros mendigos em troca de dinheiro, e se torna o boxeador de papelão (o cardboard boxer do título original). O roteiro deixa buracos na vida pregressa do protagonista, mas o ator se entrega de corpo e alma [illegible] ★★★

DVD

UMA VIAGEM PARA A ESPANHA

Os amigos Steve Coogan e Rob Brydon já percorreram Inglaterra e Itália. Agora a franquia dirigida por Michael Winterbotton (*O Preço da Coragem*) leva os dois até a Espanha, onde se deliciam com a culinária e conhecem lugares incríveis. É um prato cheio para quem curte cinema turístico, e mais ainda para o cinéfilo, pois os diálogos são recheados de citações e imitações. Coogan e Brydon se alfinetam o tempo todo e o foco desta vez é o "quase" Oscar que o primeiro levou pelo roteiro de *Philomena*, em que também contracena com Judi Dench [illegible] ★★★½

EU, TONYA

Neste ano, Margot Robbie alçou voos maiores, concorreu ao Oscar por *Eu, Tonya* onde interpreta a patinadora Tonya Harding, conhecida por protagonizar um dos maiores escândalos na história do esporte americano. O longa também foi indicado ao prêmio da Academia na categoria de melhor edição e rendeu a Allison Janney a estatueta de atriz coadjuvante no papel da mãe da protagonista. Com um ritmo ágil e toques documentais, *Eu, Tonya* aborda sem piedade temas polêmicos como violência doméstica, e costura sua narrativa com tons trágicos e cômicos [illegible] ★★

DVD

O MOTORISTA DE TÁXI

Ao lado de um jornalista estrangeiro disfarçado de missionário (Thomas Kretschmann, de *Vingadores: Era de Ultron*), um pacato motorista de táxi (Kang-ho Song, de *Expresso do Amanhã*) testemunha os horrores da repressão militar na Coreia do Sul do início da década de 80. O filme evita a panfletagem política e aborda o aspecto humano da história mostrando figuras pitorescas que vão surgindo no caminho da dupla. A narrativa simples e direta cativa o público, com destaque para atuação perfeita de Song com seu jeitão simpático e bonachão. Surpreendente R.M. ★★★★

DVD

CINEMA DINAMARQUÊS

Novidades exclusivas em streaming, essa dupla revela o ecletismo do cinema nórdico

VOCÊ DESAPARECEU

Trine Dyrholm (*Em Um Mundo Melhor*) é Mia, a narradora desse envolvente drama de tribunal. Seu marido, Frederick, diretor da escola onde ela trabalha, é acusado de um deslaque que levou a instituição à falência. A defesa tem um trunfo: Frederick foi diagnosticado com um tumor cerebral, cujos efeitos incluem transtorno de personalidade o que pode significar insanidade mental. O uso da neurociência no sistema jurídico ganha uma abordagem instigante nesse enredo que vai e vem no tempo, na medida em que Mia conta ao espectador como era sua vida antes e depois da descoberta do tumor. Ela fala do filho, das infidelidades do marido e de seu romance com o advogado de defesa. A engenhosidade está na questão do olhar e daquilo que nos parece real, mas nem sempre é. (...)

★★★½

DVD, ITUNES, NOW, GOOGLE PLAY, YOUTUBE

PLANO QUASE PERFEITO

O diretor e roteirista Ole Bornedal realizou dois bons thrillers, *Nightwatch – Perigo na Noite* (1994) e *O Principal Suspeito* (1997), este último com Ewan McGregor. Em *Plano Quase Perfeito* ele enveredа radicalmente para a comédia. Na pequena cidade em que vivem, Ib e Edward são vistos como dois trapalhões, comparados a o Gordo e o Magro. Só que a dupla ganha uma grana na construção civil e o dinheiro está sendo torrado por Gritt e Ingrid, as respectivas esposas. Elas só reclamam dos maridos, e a recíproca é verdadeira. Determinados a se livrar das megeras, Ib e Edward contratam um matador russo, sem imaginar que elas têm o próprio plano. É pastelão nonsense com boa dose de violência. Às vezes funciona, outras não. (...)

★★½

ITUNES, NOW, GOOGLE PLAY, YOUTUBE

OUTROS LANÇAMENTOS

Eleito melhor primeiro filme no Independent Spirit Awards deste ano, ***INGRID GOES WEST*** satiriza e debate as relações na era das mídias sociais, pela história de uma jovem obcecada pelo Instagram. Aubrey Plaza e Elizabeth Olsen estão no elenco.

Sam Worthington (*Avatar*) é o astro de ***THE TITAN***, ficção científica sobre um soldado convocado a passar por um experimento científico de adaptação corporal, com a missão de morar em Titã, uma das luas de Saturno, mas sua transformação tem efeitos inesperados.

Em outra grande atuação, Jake Gyllenhaal interpreta uma das vítimas do atentado terrorista na Maratona de Boston, 2013. ***O QUE TE FAZ MAIS FORTE*** mostra o duro (e emocionante) processo de reabilitação do protagonista, que perde as duas pernas na explosão.

Hugh Grant está hilário como um ladrão mestre dos disfarces em ***PADDINGTON 2***. O vilão rouba o livro que o Ursinho Paddington quer dar de aniversário para sua tia. Com 154 críticas positivas e 100% de aprovação, a produção se tornou a mais bem avaliada da história do site *Rotten Tomatoes*.

Aqui vai: DVD

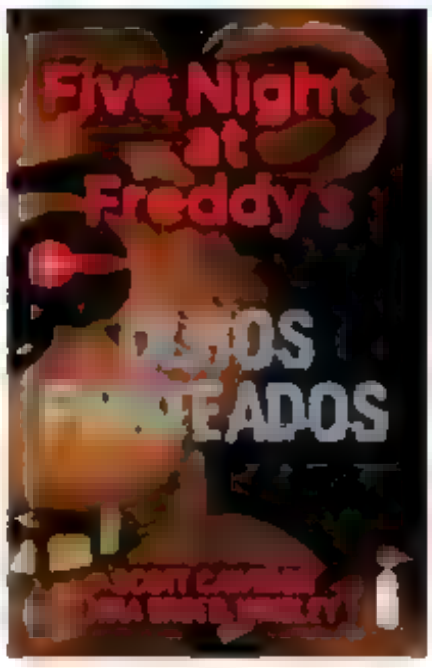
TERROR EM SÉRIE

[illegible] FIVE NIGHTS AT FREDDY'S [illegible]

POR MICHELE ALVES

Lançado em 2014, o jogo para computador *Five Nights at Freddy's* fez tanto sucesso que inspirou uma série literária. Dois títulos, *Olhos Prateados* e *Os Distorcidos*, já estão disponíveis no mercado brasileiro. Criada por Scott Cawthon, a trama do primeiro foca na adolescente Charlie que retorna a sua cidade natal para homenagear um antigo amigo de infância, morto dez anos atrás dentro da pizzaria do seu pai, a Pizzaria Freddy Fazbear's. Com o objetivo de desvendar a morte do amigo, Charlie escala os antigos colegas da vizinhança e, juntos, voltam à pizzaria abandonada. Só que logo descobrem coisas estranhas por lá.

Já em *Os Distorcidos*, a narrativa se passa um ano após os acontecimentos do primeiro livro. Charlie continua assombrada depois de desvendar a morte do amigo. Nessa continuação, uma nova onda de assassinatos se estende pela cidade, e a adolescente vai investigar um novo mistério. Em entrevista à PREVIEW durante a CCXP 2017, o produtor Jason Blum, de *Atividade Paranormal* e *Corra!*, anunciou que uma adaptação para os cinemas de *Five Nights at Freddy's* está em produção, com direção de Chris Columbus e estreia prevista para 2020.



PREÇOS SUGERIDOS
OLHOS PRATEADOS
LIVRO **R$ 39,90**
E-BOOK **R$ 24,90**
OS DISTORCIDOS
LIVRO **R$ 39,90**

A Forma da Água: romance entre seres marginalizados

FOX

CONTO DE FADAS

Grande vencedor do Oscar deste ano, *A Forma da Água* consagrou o mexicano Guillermo del Toro com uma delicada e bizarra história de amor. A ideia para o longa surgiu em 2011, em uma reunião entre o cineasta e o escritor Daniel Kraus sobre *Caçadores de Trolls*. Kraus disse a Del Toro que sempre sonhou contar uma história sobre uma criatura aprisionada e uma faxineira que tenta libertá-la, enquanto Del Toro revelou que desde criança se encantou pelo clássico *O Monstro da Lagoa Negra*. A dupla mergulhou na premissa e junta desenvolveu o conto de maneira independente, tanto para a literatura como para o cinema. O livro, entretanto, acabou sendo lançado depois, e chega ao Brasil pela editora Intrínseca. Com ilustrações do artista James Jean, a obra traz detalhes sobre a mitologia da criatura. O autor descreve em minúcias a expedição que Richard Strickland (interpretado no filme por Michael Shannon) fez pela Amazônia até capturar o ser anfíbio por quem a protagonista se apaixona. É um complemento imperdível para os fãs do filme.

PREÇO SUGERIDO:
LIVRO: **R$ 39,90**
E-BOOK: **R$ 24,90**

UNIVERSO EM PERIGO

Roteirista das HQs de *Batgirl*, Hope Larson reinventa a bela história do clássico de Madeleine L'Engle, dessa vez em formato de HQ e com ilustrações em tons azulados. A obra já está nas prateleiras brasileiras, lançada pela editora DarkSide Graphic Novel. Em *Uma Dobra no Tempo*, a adolescente Meg Wallace vai atrás de seu pai desaparecido há dois anos, e tem a seu lado o irmão caçula, um amigo e três senhoras misteriosas que atravessam o tempo e espaço utilizando uma ferramenta chamada "Tesserato". Juntos, descobrem que o universo está sendo atacado por uma escuridão que destrói a luz das estrelas e dos planetas. Uma versão cinematográfica foi lançada pela Disney nos cinemas, estrelada por Oprah Winfrey, Reese Witherspoon e Mindy Kaling, além de Chris Pine como o pai que vai parar em outra dimensão. Tem uma bela mensagem de coragem, aceitação e autoconfiança na adolescência.

PREÇO SUGERIDO: **R$ 39,90**

CANTO DO LEITOR

CAPA FAKE
Pra mim não foi novidade nenhuma essa capa fake (edição 103), o que já é hábito da revista. Quem não se lembra da edição do Logan (89)? Acho até bom a revista chegar atrasada, porque você ver uma capa bonita dessa pensando que tem matéria do filme e aí perceber que é fake... A revista está ótima, mas por essa retrospectiva do Universo Marvel.
Raul Gabriel da Silva, no Facebook

Caro Raul, infelizmente alguns estúdios estão adotando a política de manter o mais completo segredo acerca de seus grandes lançamentos até poucos dias antes dos filmes chegarem aos cinemas. Isso tem atrapalhado os veículos mensais, que não conseguem ter acesso a nenhum material em tempo hábil para a publicação. O medo de spoilers é outro elemento que tem dificultado ainda mais nosso trabalho. Mas isso não é escolha nossa, tenha certeza. Nós sempre corremos atrás de informações exclusivas para oferecer aos leitores.

UNIVERSO MARVEL
Gostaria de parabenizar PREVIEW pela excelente e esclarecedora matéria dos 10 Anos do Universo Cinematográfico Marvel. E que a revista consiga atravessar pelo momento difícil e crescer ainda mais. Estamos juntos!
Um forte abraço.
Silvio Cesar Aparecido da Rocha, de São José do Rio Preto (SP)

Obrigado Silvio, nós lutamos para continuar com a revista não só porque gostamos do que fazemos, mas também porque temos leitores como você. Sem esse retorno, pode ter certeza que não chegaríamos até aqui.

EDIÇÕES ANTERIORES

Ed. 103

Ed. 102

Ed. 101

Ed. 100

Ed. 99

Ed. 98

Ed. 97

Ed. 96

PREVIEW

EDIÇÃO 104 - ANO 9 - MAIO DE 2018

3+1 EDITORAÇÃO LTDA

REDAÇÃO
DIRETOR DE REDAÇÃO
RICARDO MATSUMOTO
(ricardo@previewbr.com)
EDITORA-CHEFE
SUZANA UCHÔA ITIBERÊ
(suzana@previewbr.com)
EDITOR DE ARTE
KEN TANAKA (colaborador)

COLABORADORES
DANIEL SCHENKER, EDERLI FORTUNATO, EDU FERNANDES, FÁTIMA GIGLIOTTI, MARIANE MORISAWA, RENATO FÉLIX, ROBERTO CUNHA, VITOR BÚRIGO (texto); PAULA CLETO (Revisão); MICHELE ALVES (atendimento ao leitor)

GERENTE DE MARKETING E COMERCIAL
CLARISSA KUSCHNIR
(clarissa@previewbr.com)

COORDENADOR DE PRODUTO
FRANCO DE ROSA

PRÉ-PRESS
DANIEL DE ROSA

NOVA SAMPA DIRETRIZ EDITORA LTDA
RUA DAS CAMÉLIAS, 198
MIRANDÓPOLIS - SÃO PAULO - SP
CEP 04048-060 - TEL. (11) 5589-7197
IMPRESSÃO
LOG & PRINT – GRÁFICA E LOGÍSTICA
DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
DINAP S.A. – DISTRIBUIDORA NACIONAL DE PUBLICAÇÕES

A REVISTA PREVIEW é produzida por
3+1 EDITORAÇÃO LTDA
em parceria com
NOVA SAMPA DIRETRIZ EDITORA LTDA

FALE CONOSCO

- cartas@previewbr.com
- (11) 2371-9510
- Rua da Glória, 279 - 5o andar - Liberdade - CEP 01510-001 - São Paulo - SP

ASSINATURAS/EDIÇÕES ANTERIORES

- quero@previewbr.com
- (11) 2371-9510
- lojapreview.com.br

VISITE NOSSO SITE

- http://revistapreview.com.br
- www.facebook.com/revistapreview
- http://twitter.com/revistapreview

Eles estão na missão de trazer os gnomos de volta para casa.

GNOMEU E JULIETA: O MISTÉRIO DO JARDIM

EM 3D E TAMBÉM EM 2D

31 DE MAIO NOS CINEMAS

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

PERGUNTALÁ

Ipiranga. Um lugar completo e também digital.

Aqui, você tem a mobilidade do app Abastece Aí, que dá desconto no combustível, e a praticidade de uma linha completa de serviços, como o Km de Vantagens, lojas am/pm, Jet Oil, ConectCar, Cartão Ipiranga, a mais completa linha de lubrificantes, Rodo Rede, Posto Ipiranga na Web, Postos Ecoeficientes, recarga de celular e muito mais. Então, já sabe, online ou offline, pergunta lá no Posto Ipiranga.

Ipiranga